

# O Povo das Dunas<sup>1</sup>

## Sumário

O elemento constituinte e determinante da realidade da Costa da Caparica é o humilde grão de areia. Melhor, o conjunto de muitos grãos de areia.

Este artigo tenta apresentar a forma como a realidade dunar da Costa da Caparica determinou o estabelecimento de uma comunidade de pescadores da tradicional Arte-Xávega e de como, com base nela, a realidade humana veio a desenvolver-se para aquilo que conhecemos hoje.

A realidade presente, em 2012, enfrenta, por sua vez, diversos desafios, o maior dos quais, é, sem dúvida, o desaparecimento da areia e com ela, as defesas naturais da cidade contra o avanço do mar. Mas quem são hoje as forças sociais ativas na cidade, quem é o Povo das Dunas?

## Abstract

The most important element of the Costa da Caparica is the humble sand grain, or the ensemble of many grains.

This article tries to explain how the dunes of Costa da Caparica determined the establishment of a fishing community of the traditional Arte-Xávega”, and how from this starting point the human reality has developed to the city we know today.

The present reality, in 2012, is facing several changes, the biggest of them the disappearance of the very same sand grains, which are the natural defense against the advance of the sea. However, who are today the social forces in place? Who is presently the People of the Dunes?

---

A presença humana nos areais da Costa da Caparica é atribuída por diferentes autores ao estabelecimento de comunidades de pescadores no início do século XVIII.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no Colóquio Saberes Interculturais - Ambiente e Gentes do Litoral: Brasil, Moçambique e Portugal a 19 de maio 2012.

Podemos encontrar em Mário Silva Neves o relato de como se encontraram na Costa da Caparica companhas oriundas do norte, da zona de Ílhavo, com companhas oriundas do sul, do Algarve, que, num primeiro momento marcadas pela sazonalidade e com o cuidado de incendiar as cabanas construídas à partida, com receio da outra comunidade as usar (Neves, 2002), (Neves, 2008) .

Segundo este autor, baseado na sua investigação, na Torre do Tombo e em manuscritos paroquiais do arquivo da Igreja de Nossa Senhora do Monte da Caparica, seria após o início do século XVIII que estas comunidades se viriam a fixar, mantendo a sua rivalidade, como de resto, bem ilustra com a inserção de uma publicação do Jornal da Catalunha, de 1740, intitulado “NOVA RELAÇÃO DA BATALHA NAVAL, QUE TIVERAM OS ALGARVIOS COM OS SAVEIROS nos Mares, que confinaõ com o celebrado Paiz da Trafaria” (Neves, 2008, pp. 66-69).

Francisco Silva, diretor do Centro de Arqueologia de Almada, numa comunicação no 1º Encontro sobre Património de Almada e Seixal, que decorre ao mesmo tempo deste Colóquio, num artigo a publicar em breve, apresenta uma carta militar da Península de Setúbal datada de 1816 onde, sob a denominação “Cabanas da Costa” se podem já ver dois grupos habitacionais separados, um a norte e outro a sul, composto de cabanas, apresentando quatro edifícios de alvenaria, além da igreja.

Estes autores são corroborados por vários outros, nomeadamente por Henrique Souto, que tem desenvolvido um trabalho destacado no domínio da pesca tradicional e das suas comunidades (Souto, 2003).

Porém, antes de abordar esta tradicional oposição norte-sul da Costa da Caparica, presente, como vimos, desde a sua formação no início do século XVIII, atentemos nas razões da sua fundação, ou seja, nas razões que levaram comunidades – companhas – de Arte-Xávega a saírem dos seus locais originais, deslocando-se para outros.

Na verdade, se por um lado a realidade geográfica dunar da Costa da Caparica, propícia à faina da Arte-Xávega, sem um solo arenoso não seria possível a fixação daquelas comunidades pois não seria possível pescar daquela forma, por outro lado, é também a areia que determina a saída das companhas da zona de Aveiro, mais propriamente o assoreamento das suas

localidades que as obrigaram a procurar – cada vez mais a sul, novos centros de fixação.

Henrique Souto, a páginas 2 e 3 da publicação citada (Souto, 2003, pp. 2-3) refere as alterações do meio lagunar ocorridas nessa época, chamando a atenção para a grande mobilidade das comunidades, não só de Ílhavo, como por defeito são sempre nomeadas, mas de toda aquela região, nomeadamente de Ovar, Murteira, etc.

Também Inês Amorim (2008, p. 31) apresenta de forma clara a importância das alterações geográficas ocorridas no que se convencionou chamar de Pequena Idade do Gelo séculos XVI a XVIII), para a mobilidade das comunidades de pescadores, citando o trabalho de Araújo Assunção (2002).

Usando imagens gentilmente cedidas por Francisco Silva, podemos ver claramente o crescimento do areal na zona da Trafaria e da Costa da Caparica.

Ilustração 1 - Mapa de 1634



Ilustração 2 - Mapa de 1816



Na Ilustração 2 podemos também ver assinalados os dois conjuntos habitacionais a que nos referimos anteriormente.

### **As Dunas Não São Todas Iguais**

Como vimos, a existência de um solo arenoso, e ainda a sua mobilidade natural, a forma como se acumula ou desaparece, produziu igual mobilidade das comunidades que dela dependem.

Porém, a relação entre as comunidades e esta característica dos solos não se fica por aqui. A própria configuração específica de cada local irá determinar diversas características próprias de cada local.

A forma como a praia se estende pelo solo marítimo, de forma mais abrupta no norte, mais suave e prolongada na Costa da Caparica, ou ainda, das suas consequências na ondulação, irão determinar as formas dos barcos, nomeadamente dos saveiros, que são claramente distintos no norte e na Costa da Caparica, onde geraram o famoso Meia-Lua.

A questão dos saveiros e das suas origens Mesopotâmicas, como estabeleceu Otávio Lixa Filgueiras (Filgueiras, 1976) precede em milhares de anos as questões que aqui abordamos e não a irei aprofundar neste trabalho. Iremos apenas fixar a situação a que já nos referimos, da origem comum deste tipo de barcos, e compreender agora como acabaram de evoluir – distanciando-se – acompanhando as características próprias da geografia diferente de cada local, nomeadamente no que diz respeito às características do solo arenoso na entrada pelo mar e da rebentação das ondas.

Como se poderá ver nas figuras que apresentamos abaixo, apesar de parecerem todos iguais, os saveiros têm características distintivas claras, não só no número e forma de colocação dos remos, mas, sobretudo, no arqueamento das proas e popas.

Estas diferenças constituem estratégias adaptativas claras ao tipo de rebentação e às condições do mar próprias de cada localidade.

Presentemente, na Costa da Caparica já não existem companhias a usar o Meia-Lua, sendo a imagem 4 a de uma recriação histórica a qual tive oportunidade de apoiar e foi desenvolvida por uma associação local.

As estratégias adaptativas estão presentes em todas as formas de expressão, artística e instrumental, destas comunidades. Além desta configuração da silhueta da embarcação utilizada, também o seu tamanho veio a ser alterado ao longo dos tempos, tal como é explicado por Francisco Oneto Nunes (1993), acompanhando os enquadramentos económicos e sociais destas comunidades (no caso específico desta obra deste autor, aborda especialmente a comunidade de pescadores da Praia de Vieira de Leiria).

Mas temos falado várias vezes das comunidades de Arte-Xávega, das suas companhias, sem ter ainda explicado com o detalhe possível do que se trata e em que consiste esta forma de pescar.

Ilustração 3 - Saveiro de Espinho



Ilustração 4 - Saveiro da Costa da Caparica (Meia-Lua)



Ilustração 5 - Saveiro de Pardilhó



## A Arte-Xávega

A denominação Arte-Xávega foi proposta por Baldaque da Silva (1891) nos finais do século XIX e provém da necessidade de compatibilizar – mais uma vez – as divergências entre Algarvios e Beirões.

As comunidades do sul chamavam a esta técnica a Xávega, enquanto as do norte a denominavam por Arte. Para evitar questões de regionalismos estéreis, mas vigorosos, a denominação hifenizada tentava encontrar terreno pacífico. Apresentamos agora duas imagens cedidas gentilmente por Henrique Souto e constantes na sua obra *Comunidades de pesca artesanal na costa portuguesa na última década do século XX* (2007).

Ilustração 6 - A rede

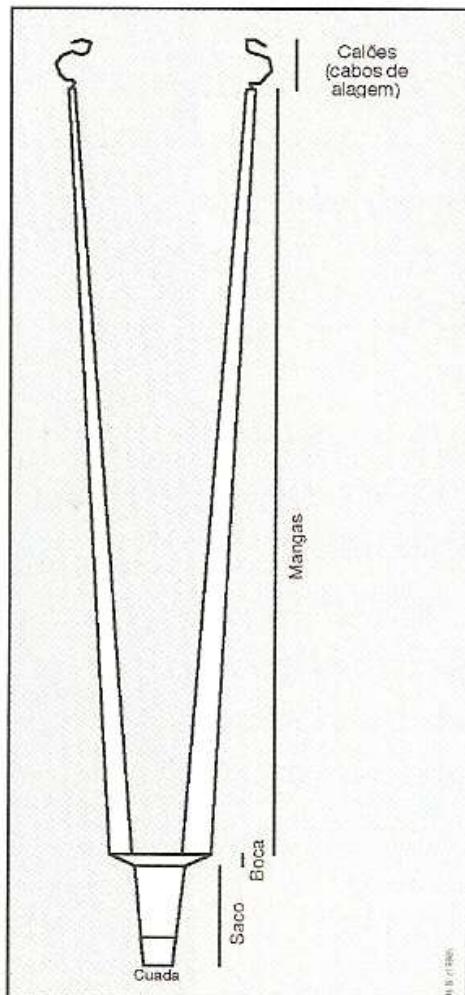
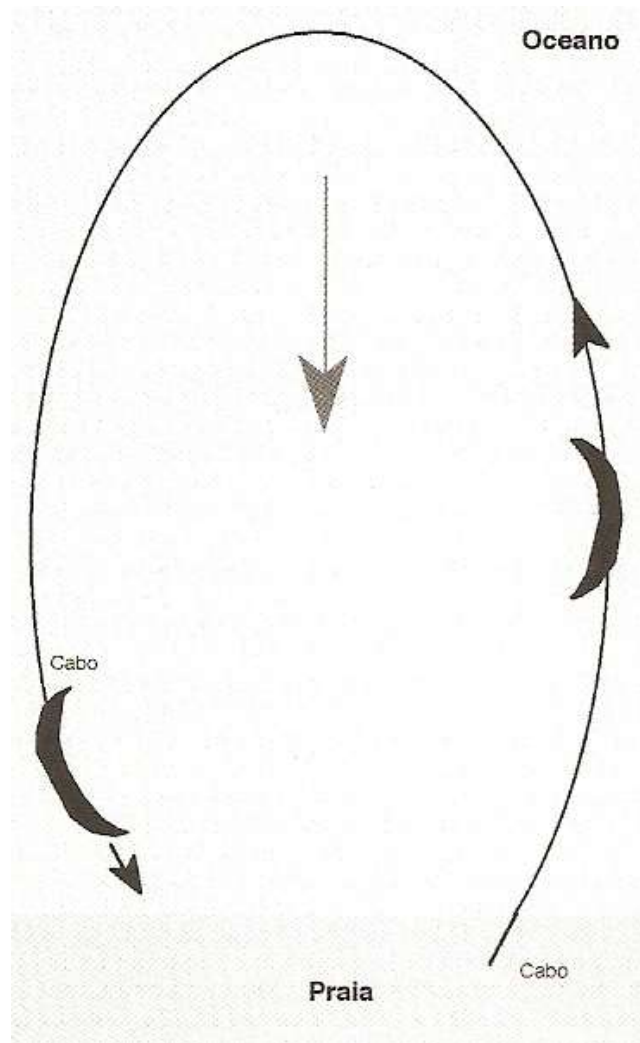


Ilustração 7 - A técnica



Tal como podemos ver na figura apresentada à esquerda, aqui numerada com o número 6, no original, na página 106 como Fig. 41, a rede da

Arte-Xávega dispõe de dois braços, onde se prendem os “calões”, ou cabos que depois são puxados para a praia.

Os dois braços, ou “mangas”, da rede, que podem ter dimensões que variam conforme diversas condições (mais uma vez a estratégia adaptativa) têm no meio um saco, destinado a ir aprisionando o peixe, que já não poderá sair da sua extremidade final, a “cuada”.

Na figura da direita,, aqui com o número 7, no original, na página 107 como Fig. 42, o autor descreve a forma como se processa este tipo de pesca de arrasto para a praia.

O barco, com as redes a bordo, deixa um calão preso na praia – a banda panda – e sai para o mar, em direção perpendicular à praia, soltando o calão à medida que se distancia. Ao chegar ao fim do calão (e início da manga), a embarcação muda de rumo, passando a deslocar-se paralelamente à praia, largando as mangas até chegar ao ponto em que se inicia o outro calão – a banda barca – mudando de novo de rumo, passando então a dirigir-se à praia, transportando consigo o calão até atingir a praia.

Nessa altura, a rede está aberta no mar, como os pescadores dizem, tal como um homem de braços abertos, com uma corda (o calão) em cada extremidade até à praia. Começa-se então a puxar estas cordas, fechando os “braços” (mangas) da rede e forçando o peixe a ir para o saco.

Antigamente, a alagem – puxar a rede para terra – era feita por bois nas Beiras e por homens e mulheres (a companha) na Costa da Caparica. Hoje são usados meios mecânicos em todas as praias, exceto por uma companha na Meia Praia, em Lagos.

Companha é o nome de todas as pessoas envolvidas na pesca, desde a tripulação, aos que depois puxam e tratam das redes, e também às peixeiras que antigamente vendiam o peixe diretamente da rede, apregoando pelas ruas de Lisboa “Ó Viva da Costa”.

Talvez não se tenha dado o devido valor a esta estrutura social, cuja complexidade e estruturação, em tempos idos era digno de nota e invulgar, especialmente nos areis. Além dos proprietários, tinha arrais (forma de chefia), arrais de redes, espadilheiro, calador, pessoal de terra, varinas, escrivão, capelão ...

A autoridade do arrais, até meados do século XX extravasava a companhia, exercendo-se também em terra.

No caso da Costa da Caparica, até ao meio do século passado, tal como testemunhado por diversos interlocutores que tive a fortuna de ainda conhecer, ou verificável, por exemplo no romance Calamento, de Romeu Correia (1950) e ainda nas obras de Mário S. Neves.

No caso da Costa da Caparica, era frequente o aparecimento de trabalhadores sazonais – os malteses – muitas vezes fugindo à lei, os quais acabavam por habitar os Palheiros construídos para armazenar e trabalhar aprestos marítimos.

Segundo Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira (1994), nas páginas 222 a 227, é explicada a forma como os pescadores do sul e os do norte trouxeram as suas tradições de construção dos palheiros, os primeiros usando sobretudo o estorno (espécie de colmo) e os segundos usando-o apenas na cobertura, enquanto as paredes eram feitas de tábuas, acabando por prevalecer esta última.

Também nas casas tradicionais – os palheiros – se podem observar as linhas de força que marcaram e continuam a marcar a Costa da Caparica: oposição norte-sul, adaptabilidade e sazonalidade.

### **Do “Banhismo” à Suburbanidade**

A moda de “ir a banhos” pode-se dizer que tem início na Trafaria com o estabelecimento criado pela rainha D<sup>a</sup> Amélia, rapidamente seguida pela carreira do vapor, que originou a Cova do Vapor e a Lisboa Praia.

Curiosamente, as primeiras emanações de residentes – sazonais – parecem ter sido provenientes dos bairros populares de Lisboa (Mateus, 2010). Mais curiosamente ainda é o facto dessa fixação, ainda que sazonal, se dar num registo de orientação com a comunidade de pescadores, natureza e simplicidade, imitando as suas construções e a sua forma de viver e, muito frequentemente, ajudando na lida da pesca, nomeadamente no alar das redes.

É assim que, juntamente com os palheiros originais vão surgindo construções semelhantes, mas com outros proprietários, já não pescadores, mas que mantêm o traço de adaptabilidade.

São precisamente estas as únicas construções deste tipo que sobreviveram até aos nossos dias (Salomão, 2010).

Entretanto, a ocupação do território foi crescendo, sobretudo em termos de ocupação sazonal.

Na consulta das informações dos Censos, pode-se concluir que as habitações sazonais passam a predominar a partir da década de 70 e mantém essa maioria até ao ano de 2000, onde se reinicia a predominância da habitação residencial.

Muitos fatores poderão explicar esta variação, nomeadamente os fenómenos de emigração.

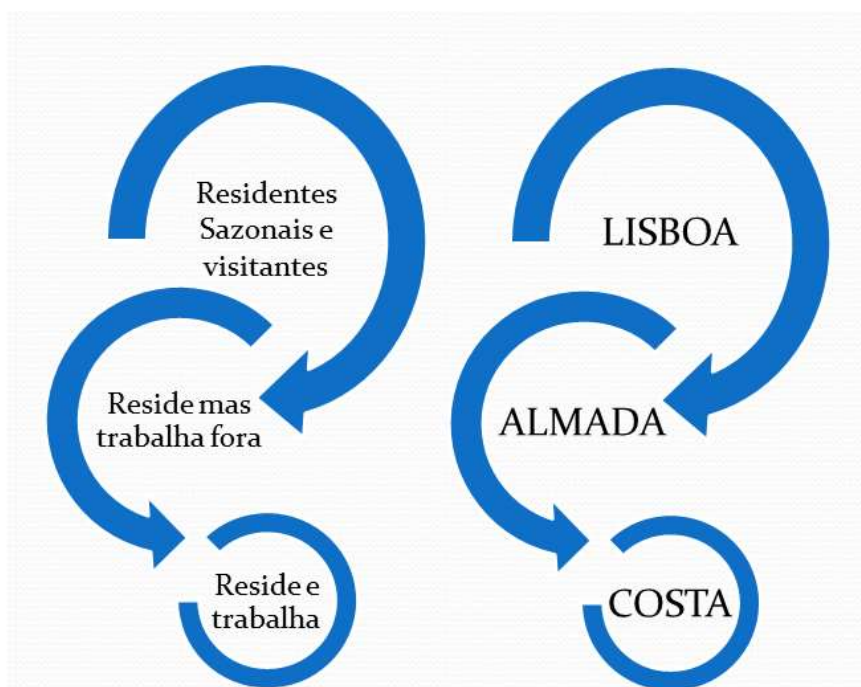
Porém, o que nos interessa aqui acentuar, não são essas características nem essa análise. Interessa-nos, isso sim, compreender que entrou um novo tipo de residente neste território.

Estes novos residentes, já não são os “banhistas” de antigamente, apesar de não serem indiferentes ao apelo da praia. São residentes que escolhem a Costa da Caparica, também pela praia, mas como uma vantagem dentro da suburbanidade.

Estes novos residentes não adquirem uma habitação semelhante às dos pescadores, não conhecem a cultura tradicional da comunidade dos pescadores, nem se revêm nas tradições da Costa da Caparica que, de resto vão desaparecendo rapidamente.

Há assim uma alteração profunda que se desenrolou nos últimos 60 anos. Partindo de uma comunidade local com alguns residentes sazonais, e visitada por muitos no verão, para a realidade social presente em que a comunidade verdadeiramente local, ou seja, que reside e trabalha na Costa da Caparica e que a tem como centro da sua realidade, é uma pequena minoria.

Ilustração 8 - Realidade social atual



Se atentarmos na Ilustração 8, compreendemos que a maioria terá como referência Lisboa e um pouco Almada, onde passam a maior parte do dia e onde vão à noite para se divertir.

Apenas uma minoria mantém o centro das suas atenções na Costa da Caparica. Essa minoria, acreditamos poder caracterizá-la como as comunidades originais de pescadores, pequenos negócios e “banhistas”.

Naturalmente que faltam aqui estudos mais objetivos e rigorosos que objetivem estas afirmações empíricas e individuais de um residente – o autor destas linhas – que começou como banhista, continuou como sazonal e finalmente passou a residir a tempo inteiro na Costa da Caparica.

Posso testemunhar – apesar do seu fraco valor científico – as vagas de habitantes que nos finais dos anos 70 e princípios dos 80, passaram a residir nas casas de praia dos seus pais, tal como agora testemunho o regresso daqueles que abandonaram essas casas para outras maiores e melhores na cidade e, agora em idade de reforma, regressam a um ambiente que consideram mais pacato e natural.

Mas onde é que estas observações nos deixam?

## Uma nova oposição Norte-Sul

Como vimos anteriormente, as comunidades de pescadores provenientes do Algarve foram construindo os seus palheiros a sul e as da região de Aveiro – os Ílhavos – a norte.

Este norte e sul eram considerados em relação a uma “fronteira” tradicional, desenhada coincidentemente com a atual Rua dos Pescadores, tal como podemos ver na ilustração 9.

A rivalidade entre estas comunidades era muito grande e, por vezes violenta, tal como anteriormente referimos. Porém, era uma rivalidade entre iguais, entre membros da mesma classe piscatória, que tinham ocupações semelhantes.

Com o desenvolvimento da construção e a especulação imobiliária que se verificou sobretudo a partir dos anos 70, que determinou igualmente a destruição dos palheiros originais e, também é preciso dizê-lo, uma substancial melhoria das condições de vida dos pescadores e residentes tradicionais, o

Ilustração 9 - Norte/Sul Tradicional



crescimento da cidade foi feito, para norte, em urbanizações planeadas (e caras), enquanto que para sul predominaram os bairros sociais de pescadores, construção ilegal.

Desenhou-se assim uma nova oposição norte-sul, desta vez já não entre iguais, mas com contornos de oposição social entre residentes afluentes – no norte – e residentes de classes menos favorecidas, no sul.

A uma situação onde já é reconhecida uma dificuldade tradicional de intervenção, as Culturas Marítimas, acresce agora ainda maiores complicações, nomeadamente classista.

Não abordamos outras complicações ainda maiores, como os agricultores das Terras da Costa, ou, ainda maior complexidade, a sua relação com comunidades de emigrantes que informalmente construirão bairros ilegais nas terras que, dessa forma, se tornam muito mais rentáveis do que com a exploração agrícola.

Guardamos uma outra oportunidade para desenhar esse quadro mais abrangente. Por agora, mantenhamos o enfoque na Cultura Marítima, neste caso, dos Pescadores de Arte-Xávega.

### **As particularidades da Cultura Marítima**

A Cultura dos Pescadores tem suscitado interrogações em múltiplos domínios científicos, especialmente a partir do século XX, nomeadamente após o trabalho de Malinowski (1922) e especialmente o de Raymond Firth (1946)

Um dos aspetos mais significativos destes trabalhos foi o de assinalar a diferença essencial entre estas comunidades de pescadores e as comunidades agrícolas, salientando, ao mesmo tempo, o papel destas últimas no desenvolvimento dos estudos e dos quadros metodológicos da Sociologia e da Antropologia.

Na verdade, mesmo o próprio termo “cultura”, demonstra claramente a predominância das realidades agrícolas e dos quadros mentais que posteriormente foram sendo aplicadas a outras comunidades, nomeadamente as urbanas, determinando fortemente as origens da construção teórica, metodológica e instrumental com que se têm abordado as comunidades humanas e as suas culturas. O próprio termo cultura evidencia a sua origem.

A compreensão da realidade das comunidades de pescadores, apresenta desafios que parecem claramente distintos das outras comunidades e, por outro lado, parecem escapar à compreensão integrada destas comunidades.

Em Portugal, as comunidades de pescadores têm sido também estudadas segundo diversas abordagens metodologicamente distintas, de acordo com quadros teóricos de domínios científicos diversos, que nos trazem informação valiosa.

Por exemplo, a Psicologia Social, com o trabalho de Celeste Malpique, que estudou a ausência do pai em pré adolescentes da comunidade da Afurada, analisando eventuais variações psicológicas ou psicopatológicas decorrentes de modificações na organização temporo-espacial e no aglomerado familiar (Malpique, 1990).

Outro domínio científico particularmente produtivo tem sido o da Antropologia Marítima, particularmente com Francisco Oneto Nunes, um nome igualmente essencial no contexto da compreensão da comunidade de pescadores da Arte-Xávega na Praia de Vieira de Leiria, (Nunes, 1993), ou na sua interessantíssima edição sobre Culturas Marítimas em Portugal, a qual desde já se aconselha para uma compreensão mais alargada (Nunes, 2008).

Teria evidentemente de destacar o trabalho de Orlando Ribeiro, Raquel Soeiro de Brito (Brito, 2009) e, muito particularmente por Henrique Souto, já anteriormente referido, seja no estudo das comunidades de pesca artesanal (Souto, 2007), seja no estudo das suas migrações (Souto, 2003), completando três gerações de autores essenciais no domínio da Geografia.

Esta realidade foi também abordada com rigor e amplitude na perspetiva da História Económica por Álvaro Garrido, e também na História com Inês Garrido, especialmente no enquadramento da evolução das comunidades marítimas do nosso litoral ao longo dos tempos.

Já Leite de Vasconcelos tinha também assinalado estas comunidades, inclusivamente a Costa da Caparica (Vasconcelos, 1941). Também Veiga de Oliveira, como já verificámos anteriormente, tinha chamado a atenção para as construções típicas dos pescadores (Oliveira et al., 1994), particularmente desenvolvido, no caso Avieiro, pelos Arquitetos Pedro Manuel dos Santos Lima Gaspar e João Palla (Gaspar & Palla, 2009).

Enfim, todo este acervo de estudos, além dos que não menciono apenas por falta de espaço, possibilita a identificação de uma singularidade muito própria destas comunidades, evidenciando determinadas características, por exemplo, como assinala Yvan Breton: a fluidez e a flexibilidade (Breton, 1981).

Porém, estas comunidades parecem igualmente evidenciar uma diferença marcante com o todo nacional (e mesmo de forma transnacional), nomeadamente no que respeita à questão da incerteza, tal como definida no quadro de índices proposto por Hofstede, só por exemplo (Hofstede, 2001).

Um outro aspeto que tem sido salientado, é a sua grande diversidade, nomeadamente a capacidade de integrar elementos externos à sua comunidade, com características de sazonalidade, como os Barraqueiros na Costa da Caparica, oriundos principalmente de comunidades agrícolas de diversos pontos do país, e também dos Malteses, ou foragidos, que tradicionalmente eram também acolhidos por esta comunidade, como fica explícito no romance Calamento, de Romeu Correia (já referido), e em vários outros testemunhos, ainda hoje facilmente identificáveis entre os membros mais antigos da comunidade caparicana. Sendo a própria comunidade de pescadores fruto de movimentos migratórios intensos, ao longo de épocas distintas, demonstrando a sua permeabilidade a novos membros movidos por necessidades semelhantes.

O caso específico da Costa da Caparica é particularmente interessante por ser hoje o único ponto de contacto em permanência entre duas comunidades de pesca tradicional oriundas, como já vimos, de pontos distintos: Algarve e Ílhavo, dando assim corpo à própria classificação de Baldaque da Silva: Arte-Xávega, norte e sul. Esta convivência, ainda hoje observável, continua a gerar fenómenos depreciativos mútuos, como muito bem nota Henrique Souto (Souto, 2003).

Por outro lado, há muitos anos que se constata a capacidade de integração de elementos de origens não nacionais, nomeadamente africanos, sem conhecimento prévio das artes de pesca e, mais recentemente, de cidadãos de países de Leste, que encontraram nesta comunidade uma forma de sustento, apresentando uma capacidade de relacionamento e comunicação intercultural extremamente interessante.

Porém, apesar desta aparente facilidade de acolhimento, da óbvia presença verificável destas comunidades, que todos facilmente identificamos, permanece quer a dificuldade de compreensão dos códigos de interação desde o exterior da comunidade, quer algumas dificuldades de articulação dos pescadores no todo social mais vasto da cidade em que se inserem.

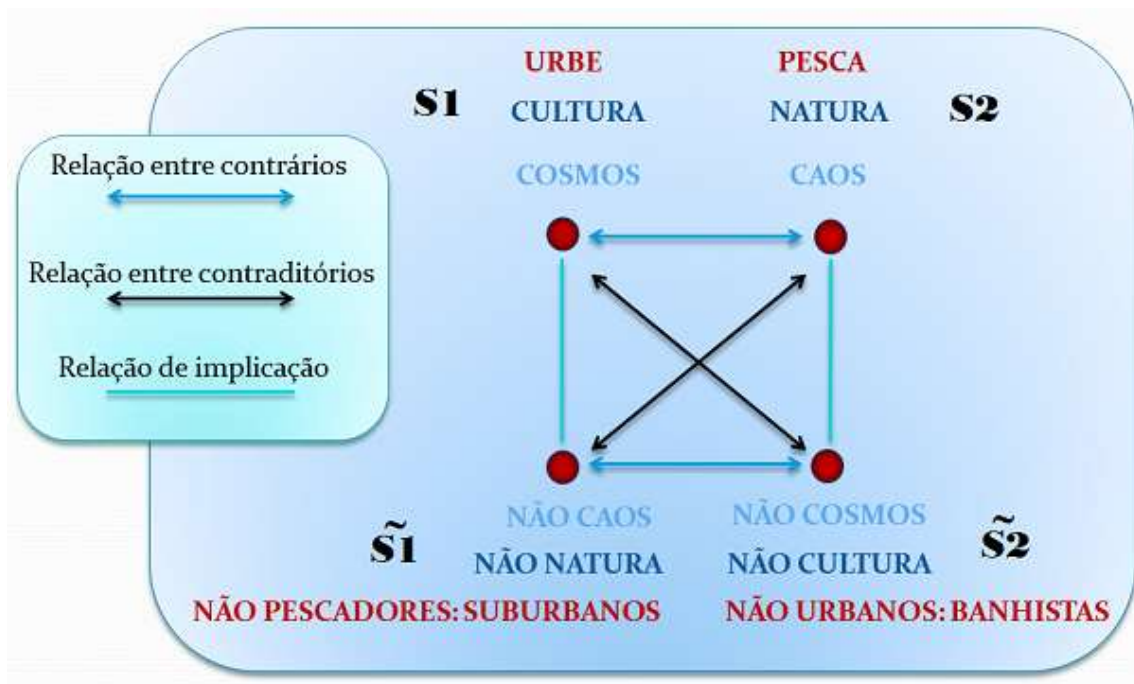
A nível nacional parece constituir uma característica destas comunidades de pesca tradicional, especialmente as da Arte-Xávega, uma vez que habitam numa faixa de território litoral, que sendo relativamente extensa ao longo da costa, apenas ocupa alguns metros para o interior, mesmo contando com as incidências agrícolas suplementares em algumas comunidades piscatórias.

Tendo em conta as dificuldades sentidas e expressas pelos investigadores em abordar estas comunidades, parece claramente aconselhável, para uma abordagem compreensiva, que seja plural em termos metodológicos, ela própria capaz de gerar uma reflexão epistemológica.

### **Metodologia Complexa**

Situamo-nos no esteio do proposto por Edgar Morin (2003), na tentativa de evitar o espartilhamento de enfoques próprios à atividade científica dominada por um domínio delimitado, mas que obriga a delimitar por essa mesma imposição, o próprio objeto de estudo, acabando por perder-se a sua compreensão na inteira manifestação da sua realidade e, mais ainda, da sua interligação com outros fenómenos que o condicionam ou por ele são condicionados.

Arriscamo-nos, assim, a propor uma análise da lógica de agenciamento social na comunidade da Costa da Caparica, usando ferramentas metodológicas de áreas que normalmente não são usadas nestas situações, nomeadamente da lógica e da análise semiótica da narrativa, num percurso dos Analíticos Anteriores, de Aristóteles (2001) a Greimas (1970).



Aplicando este modelo à significação profunda e relacionamento entre os polos desta tabela, podemos ver em S1 o polo da cultura, no sentido do universo organizado segundo as regras humanas, previsível e na ordem que poderíamos classificar como Cosmos, naquilo em que se opõe ao Caos, desorganizado no que respeita à previsibilidade humana, ou seja a Natureza.

Não será de todo despropositado considerar a Pesca, especialmente a Arte-Xávega, como epítome dessa natureza imprevisível e da condição especial do pescador nas mãos dessa “sorte”, entregue a leis e realidades que na sua maior medida desconhece.

Os respetivos polos contraditórios parecem-nos igualmente evidentes.  $\sim$ S2 (não S2), os banhistas, são na verdade seres da urbe, mas que a rejeitam, que não se conformam com a sua ordenação, que se sentem atraídos pela natureza, ouvindo o seu apelo. Pelo contrário  $\sim$ S1 (não S1), é constituído pelos que recusam a agrura da natureza e se sentem atraídos pela organização e previsibilidade urbana.

Hans Blumentberg (1990) chama a atenção para essa oposição ancestral – desde os textos clássicos de Hesíodo e Virgílio – em que a (agri)cultura era preterida em favor do mar, a ordenada “tutela de Zeus” era abandonada a favor do imprevisível Poseidon. A opção entre a organização planeada da terra – onde tudo é mais ou menos explícito, mais ou menos

previsível – pela sorte do mar, onde o acaso impera, sobretudo no caso dos pescadores que, ao contrário dos caçadores, não veem as suas presas, nem lhes podem estudar os hábitos.

Se na agricultura existe alguma segurança na matemática dos meios de produção, mais terras, mais sementes, mais adubos, mais mão de obra, terão grande probabilidade de obter proporcional aumento de produção, na pesca esses fatores aplicam-se de forma muito diferente. A sorte, o acaso, continua a ser um fator essencial.

Há, assim, nos grupos humanos que habitam este território, essa diferença essencial entre os que, no limite, querem construir uma cidade, privilegiando prédios organizados, urbanização e arruamentos, que está junto a uma praia, em oposição a outros que partem dessa praia, mesmo do mar, para construir um território humanizado mas onde prevalece a natureza.

Esta oposição, por exemplo, tem um relevo especial na estratégia de defesa da cidade contra os avanços do mar. Para uns, o sistema dunar – natural – constitui a melhor defesa, para outros, os paredões, planeados, controláveis e ajustáveis são a solução.

É também clara a divisão destes dois grupos em relação à matriz desta cidade que surgiu nas últimas décadas. Para o grupo que parte do mar e da natureza, o ADN da cidade, a sua identidade, é o fator determinante. Para os outros, a construção abre um espaço que pode ser igual, até na modernidade, a qualquer outro ponto do planeta.

Se tivermos em conta a intervenção da Sociedade CostaPolis e a respetiva polémica que se gerou, parece completamente evidente esta divisão entre aqueles para quem a intervenção não teve em conta as características da comunidade e da sua história, e aqueles que acham que as novas estruturas modernas, todas iguais, normalizadoras, constituem o caminho pela qual a Costa da Caparica entrará na comunidade das cidades modernas e desenvolvidas.

Fica também claro, segundo este esquema, que as vias de comunicação – e de ação – constituídas pelos contraditórios, nunca pelos contrários, apresenta os “banhistas” como o grupo social melhor posicionado para as comunidades tradicionais da Arte-Xávega conseguirem alcançar os

planeadores urbanos, ao mesmo tempo que o oposto também se verifica: é através da suburbanidade que se alcançam essas comunidades tradicionais.

## BIBLIOGRAFIA

- Amorim, Inês. (2008). Homens da Terra ou Homens do Mar - um percurso historiográfico. In Francisco Oneto Nunes (Ed.), *Culturas Marítimas em Portugal* (pp. 25-70). Lisboa: Âncora Editora.
- Araújo, Assunção. (2002). A Evolução do Litoral em Tempos Históricos: a Contribuição da Geografia Física *O Litoral em Perspectiva Histórica, Sécs. XVI a XVIII*. Porto: IHM-UP/Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Aristóteles. (2001). *Organon III - Analíticos Anteriores*. Lisboa: Guimarães Editores.
- Blumenberg, Hans. (1990). *Naufrágio com Espectador*. Lisboa: Vega.
- Breton, Yvan. (1981). L'anthropologie sociale et les sociétés de pêcheurs: réflexions sur la naissance d'un sous-champ disciplinaire. *Anthropologie et Sociétés*(V), 7-27.
- Correia, Romeu. (1950). *Calamento*. Lisboa: Parceria.
- Filgueiras, Octávio Lixa. (1976). *The Xavega Boat - a case study in the integration of archaeological and ethnological data* Paper presented at the Sources and Techniques in Boat Archaeology. [http://www.isbsa.org/doc/ISBSA\\_01\\_1976\\_Greenwich.pdf](http://www.isbsa.org/doc/ISBSA_01_1976_Greenwich.pdf)
- Firth, Raymond. (1946). *Malay Fisherman: Their peasant economy*. Londres: Routledge & Kegan Paul Ltd.
- Gaspar, Pedro Manuel dos Santos Lima, & Palla, João. (2009). Construções palafíticas da bacia do Tejo : levantamento e diagnóstico do património construído da cultura avieira. *Artitextos*(8), 153-174.
- Greimas, Algirdas Julien. (1970). *Du sens*. Paris: Éditions du Seuil.
- Hofstede, Geert. (2001). *Culture's consequences: Comparing values, behaviours, institutions and organizations across nations* (2 ed.). Londres: Sage Publications Ltd.
- Malinowski, Bronislaw. (1922). *Argonauts of the Western pacific*. Long Grove, Illinois: Waveland Press.
- Malpique, Celeste. (1990). *A Ausência do Pai*. Porto: Edições Afrontamento.

- Mateus, Bruno Miguel Amaro. (2010). *Como se organiza um bairro? Um estudo de caso sobre a Cova do Vapor (Trafaria)*. (Mestrado), ISCTE - IUL, Lisboa.
- Morin, Edgar. (2003). *Introdução ao Pensamento Complexo* (Dulce Matos, Trans. 4ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Neves, Mário Silva. (2002). *Tu, Costa Minha*. Costa da Caparica.
- Neves, Mário Silva. (2008). *Costa da Caparica, no Areal do Tempo*. Costa da Caparica.
- Nunes, Francisco Oneto. (1993). *Vieira de Leiria: A História, O Trabalho, A Cultura*. Vieira de Leiria: Junta de Freguesia de Vieira de Leiria.
- Nunes, Francisco Oneto. (2008). Introdução. In Francisco Oneto Nunes (Ed.), *Culturas Marítimas em Portugal* (pp. 7-13). Lisboa: Âncora Editora.
- Oliveira, Ernesto Veiga de, Galhano, Fernando, & Pereira, Benjamim. (1994). *Construções Primitivas em Portugal* (3ª ed.). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Salomão, Ricardo. (2010). Fórum Palheiros da Costa da Caparica: Em Defesa da Cultura Popular. *Folha Informativa*(33-2010), 15.
- Silva, António Arthur Baldaque da. (1891). *Estado actual das pescas em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Souto, Henrique. (2003). Movimentos migratórios de populações marítimas portuguesas. *GeolNova, Revista do Departamento de Geografia e Planeamento Regional, FCSH/UNL*(Nº 8), 165-177.
- Souto, Henrique. (2007). *Comunidades de pesca artesanal na costa portuguesa na última década do século XX*. Lisboa: Academia da Marinha.
- Vasconcelos, José Leite de. (1941). *Etnografia Portuguesa* (Vol. Vol. III). Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.